

Salgueiro - o “quilombo” moderno



Por DANIEL COSTA*

Nei Lopes e Leonardo Bruno contam de forma não linear a trajetória de uma agremiação que há mais de setenta anos prova que não é nem melhor, nem pior que suas coirmãs, é apenas uma escola diferente

Não é de hoje que a sociedade vem promovendo discussões e lutando pelo estreitamento das relações entre a Universidade (especialmente a pública) e o público externo, uma questão que nem deveria suscitar tamanha discussão por apresentar tamanha obviedade, afinal o tripé que sustenta a Universidade é exatamente o ensino, pesquisa e extensão.

Porém, em um contexto marcado pela globalização acelerada, em que o cenário predominante é o de mercado globalizado, onde existe desigualdade básica entre países ‘avançados’ e ‘menos avançados’ quanto aos privilégios no mercado econômico mundial. Nesse cenário de disputa, o papel das universidades públicas é destacado, principalmente na formação de quadros profissionais críticos. O estudo aponta para a necessidade das universidades desenvolverem projetos integrados de pesquisa e educação que atendam às áreas de relevância social e econômica^[i].

Atentos a esse debate e conscientes do papel que deve ser exercido por uma Universidade pública um grupo de professores universitários e pesquisadores resolveram mostrar que apesar do samba não ser ensinado no colégio como bem escreveu o poeta da Vila, a universidade deve sim abrir suas portas para os baluartes desse ritmo forjado em quintais, tendinhas e morros.

Foi com esse espírito que surgiu nos corredores da UERJ o projeto Acervo Universitário do Samba, hoje coordenado pela professora Andressa Lacerda e com supervisão editorial do professor Luiz Ricardo Leitão, o projeto de extensão vinculado ao Centro de Tecnologia Educacional da UERJ (CTE-UERJ) e à Diretoria de Comunicação Social (Comuns) da Universidade tem trazido para o público obras de referência para pensar o samba e o carnaval, especialmente o carioca.

Desde o lançamento do primeiro volume em 2015, a biografia do compositor Aluísio Machado, escrita por Luiz Ricardo Leitão, o projeto vem se tornando referência para aqueles que buscam compreender o desenvolvimento dessa festa que apesar dos pesares ainda pode ser considerada uma das mais democráticas e populares do país^[ii]. Com o lançamento de *Salgueiro, o “Quilombo” Moderno: batuqueiro, mandingueiro, diferente*, escrito por Leonardo Bruno e Nei Lopes o leitor terá a oportunidade de acompanhar o processo de construção e evolução da agremiação que ficaria conhecida como a “Academia do samba”, em formato de almanaque os autores repassam a trajetória da escola fundada em 5 de março de 1953. Segundo a dupla de autores, “a partir de seu nascimento, os Acadêmicos formaram, com Mangueira, Portela e Império Serrano, até meados da década de 1970, o quarteto imbatível das escolas de samba, conhecidas como as quatro grandes”.

A inspiração para a confecção do referido volume surgiu de um fato curioso: em novembro de 2001, o então ministro da Cultura, Francisco Weffort agraciou com a Ordem do Mérito Cultural as escolas de samba Vila Isabel, Portela, Mangueira e Império Serrano, deixando a margem, de forma inexplicável o Salgueiro. Uma ausência, segundo os autores, que não se

a terra é redonda

justifica quando se investiga a fundo a história do carnaval carioca.

Como ressalta a escritora e pesquisadora Rachel Valença, responsável pelo prefácio da publicação, “aos Acadêmicos do Salgueiro os sambistas devem a importante mudança de enfoque sobre a escolha de enredos: Fernando Pamplona, no início dos anos 1960 com seu escrete de ouro que reunia Arlindo Rodrigues, Joãosinho Trinta, Maria Augusta, Rosa Magalhães e outros *bambas* das artes, entendeu que já era hora de deixar de lado reis, princesas, generais, suas batalhas e toda uma história que gora extremamente hostil aos negros, um passado de horrores disfarçados. Afinal, os criadores e protagonistas daquele espetáculo que começava a chamar a atenção do mundo tinham também muito a contar. Quem já ouvira falar, até então, de Chica da Silva, de Chico Rei? Quem conhecia o suficiente sobre a rebelião liderada por Zumbi, em Palmares? Cantados em belos desfiles de carnavais inesquecíveis, esses enredos abriram caminho para que os verdadeiros donos da festa dessem à sua história de trabalho e de lutas, à sua fé que resistiu à travessia de um oceano, o merecido protagonismo”.

Sobre os autores da obra, é dispensada maiores apresentações, salgueirense de quatro costados, o compositor, cantor, escritor e pesquisador Nei Lopes, foi integrante da ala de compositores e da velha guarda da agremiação. Versado na arte de compor e de produzir obras que são referências para o samba e para a cultura negra^[iii], Lopes traz para a obra reminiscências de quem viveu a fase de ouro da agremiação. Já o jornalista e escritor Leonardo Bruno^[iv], figura que também dispensa apresentações representa o elo da agremiação com a nova geração de intelectuais, dando continuidade à tradição iniciada por nomes como Eneida de Moraes, Fernando Pamplona, Haroldo Costa e o próprio Nei Lopes.

Escrito como um almanaque, ao longo de nove capítulos, o leitor percorrerá a geografia do morro do Salgueiro, conhecendo os lugares e os mitos fundantes de uma escola que desde os primórdios carregava em sua alma a inovação, mesmo quando conduzida pela necessidade. Com uma vida cultural agitada, o Salgueiro era ponto de encontro de bambas de diversas partes da cidade nas primeiras décadas do século XX. Segundo Lopes e Bruno: Não eram poucos os bailes, as festas e as agremiações carnavalescas, frequentados por figuras como Noel Rosa e Geraldo Pereira. Noel, por exemplo, cita mais o Salgueiro em toda a sua obra do que seu próprio bairro, Vila Isabel. Já Geraldo Pereira, cria do Morro de Mangueira, compôs um de seus grandes sucessos em homenagem a uma moradora do morro do Salgueiro”.

O leitor poderá passar ainda pelos bastidores da “Revolução das Belas Artes”, momento em que é selada a parceria entre a agremiação e Fernando Pamplona. Uma parceria que seria fundamental para o Salgueiro e para o futuro do carnaval carioca, fazendo-se uma síntese entre a tradição forjada pelas escolas de samba e a *expertise* cenográfica que fez dos desfiles carnavalescos um dos mais belos espetáculos do país.

Outro ponto alto do almanaque escrito por Nei Lopes e Leonardo Bruno reside na apresentação dos compositores, principais lideranças da escola e claro, aqueles que honraram e honram o chão salgueirense, fazendo da escola tijucana um verdadeiro quilombo moderno. Assim, ao longo de 272 páginas o leitor conhecerá, mesmo que de forma resumida, a trajetória de bambas como Anescarzinho, autor de dois dos maiores sambas da história do carnaval e da própria agremiação: *Quilombo dos Palmares* (1960) e *Xica da Silva* (1963), ambos em parceria com Noel Rosa de Oliveira; Amado Régis, autor em parceria com Djalma Sabiá do memorável, *Navio negreiro*, samba composto para o carnaval de 1957. São lembrados ainda compositores históricos como o já citado Noel Rosa de Oliveira, Bala, Caxinê, Geraldo Babão, Gracia do Salgueiro, Zuzuca e outros nomes que fizeram da ala de compositores da escola, uma das principais do carnaval carioca.

O leitor ainda poderá percorrer a trajetória de nomes como Fernando Pamplona, Max Lopes, Joãosinho Trinta e Maria Augusta, artífices da estética salgueirense e lideranças incontestáveis como Djalma Sabiá, aquele que além de fundador, foi diretor de carnaval, secretário, puxador e presidente de honra da vermelho e branco. E mais do que isso, foi o guardião da memória salgueirense durante toda sua vida, guardando documentos e materiais de pesquisa para registrar a trajetória da agremiação.

São lembrados ainda nomes como Casemiro Calça Larga, uma das grandes lideranças do samba local ao longo da década de 1950; Osmar Valença, que fora o presidente da agremiação nos títulos de 1963, 1965, 1969, 1971, 1974 e 1975.

a terra é redonda

Valença, ao lado de Natal da Portela, fez parte da primeira geração de banqueiros do jogo do bicho que se associaram às escolas de samba. Outro ponto destacado pelos autores é a relação estabelecida entre a agremiação e os banqueiros do jogo do bicho.

Se a passagem de Valença pela escola deixou uma série de títulos, a passagem de outro bicheiro deixaria como marca um episódio traumático para toda a comunidade. Em 1976, às vésperas do carnaval, o então presidente Euclides Pannar, conhecido como China Cabeça Branca, foi assassinado na Avenida Maracanã, após uma reunião na quadra. China havia se desentendido com a famosa cúpula do bicho após levar à imprensa irregularidades na apuração dos resultados.

Por fim, destaca-se a figura de outro presidente ligado ao mundo da contravenção, Waldomiro Paes Garcia, o Miro, que antes de chegar à escola figurava entre os maiores bicheiros do Rio de Janeiro. Durante os quase vinte anos que comandou o Salgueiro, foi efetivamente o presidente entre 1988 e 1993, ano do título com o inesquecível *Peguei um Ita no Norte*. Porém, cabe destacar que ao longo de sua trajetória, o Acadêmicos do Salgueiro contou também com lideranças fora das lides da contravenção. Figuras como Laila, Manoel Macaco, Nelson de Andrade são lembradas e reverenciadas pelos autores. Cabe destacar ainda a presença feminina na agremiação em postos de referência para o conjunto da comunidade, assim evoca-se desde a fundante Dona Maria Romana, passando por Dona Ana Bororó, Dona Fia, Elizabeth Nunes e Regina Celi, com as duas últimas sendo eleitas presidentas da escola.

Por fim, são lembrados àqueles que riscam o chão quando a escola entoa seu canto. Desde Paula do Salgueiro, passando por nomes como Narcisa, Elza Cobrinha e a atual rainha da bateria Viviane Araújo, os autores dão o devido destaque a aqueles que defendem as cores da agremiação na avenida. Não esqueçamos ainda dos emblemáticos casais de mestre sala e porta bandeira, a bateria e as demais alas da escola.

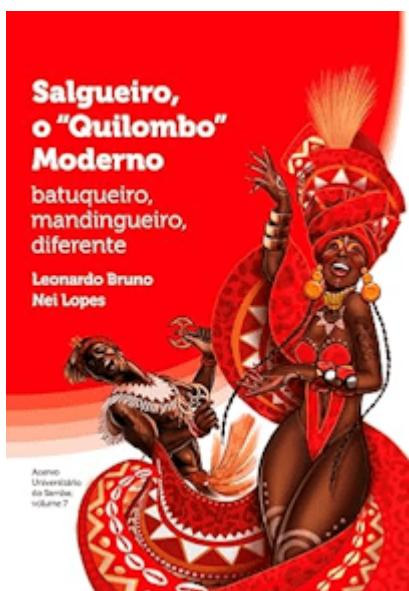
Para além da pesquisa histórica tão bem empreendida pela dupla de autores, o volume conta ainda com vasto material iconográfico recolhido em diversos acervos. Assim o leitor poderá acompanhar o registro de desfiles históricos registrados pela lente de fotógrafos do extinto diário *Correio da Manhã* e revistas como *Manchete* e *O Cruzeiro*, complementadas pelas ilustrações do artista plástico Antônio Vieira.

Presente em todos os volumes do Acervo Universitário do Samba, a cartografia afetiva do Salgueiro ficou sob a responsabilidade de Andressa Lacerda, Daniela Seixas e Ana Carolina Barbosa, docentes vinculadas ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UPERJ). O afinado trio buscou mostrar que no morro do Salgueiro há grafias e ramificações insurgentes sendo criadas e recriadas. Os enredos são entrelaçados à presença negra que confere identidade tanto à agremiação quanto ao mapa de uma escola que é apenas diferente. Não há norte ou sul, em cima ou em baixo certos para leitura da cartografia criada pelo Salgueiro. As raízes aquáticas evocam a ancestralidade que cruzou o Atlântico e reverbera, através dos ares, seus sons, simbolismos e pertences, alicerçando, portanto, em solo profundo bases fortes que brotam e proliferam. Afinal, sejam raízes suporte, raízes aéreas ou aquáticas, o Salgueiro nasce forte em qualquer lugar.

Com *Salgueiro, o “Quilombo” Moderno: batuqueiro, mandingueiro, diferente, Nei Lopes e Leonardo Bruno contam de forma não linear a trajetória de uma agremiação que há mais de setenta anos prova que não é nem melhor, nem pior que suas coirmãs, é apenas uma escola diferente. Indicado para os amantes das folias momescas, a publicação também será de grande interesse para aqueles que gostam da verdadeira cultura popular ou ainda para aqueles que desejam adentrar esse universo coberto de contradições que também não ficam à margem da escrita dos autores. O único defeito do livro em questão reside no fato de contar com apenas 272 páginas, visto que muitas histórias e personagens ficaram de fora dessa abrangente pesquisa*[\[v\]](#).

*Daniel Costa é mestrando em História na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Referência



Leonardo Bruno e Nei Lopes. *Salgueiro o “quilombo” moderno: batuqueiro, mandingueiro, diferente*. Rio de Janeiro, Mórula Editorial; São Paulo, Outras Expressões, 2024, 272 págs. [<https://amzn.to/3Bp9DEp>]

Notas

[i] Ver: KAWASAKI, Clarice Sumi. *Universidades públicas e sociedade: uma parceria necessária*. In: Revista da Faculdade de Educação, vol. 23, n. 1-2. São Paulo: FE/USP, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100013>

[ii] Para informações acerca dos volumes anteriores conferir: COSTA, Daniel. *Cartografia do samba carioca*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/cartografia-do-samba-carioca/>; COSTA, Daniel. *Samba, democracia e sociedade*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/samba-democracia-e-sociedade/> e A *Kizomba da Vila Isabel – festa da negritude e do samba*. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-kizomba-da-vila-isabel-festa-da-negritude-e-do-samba/> .

[iii] Como compositor Nei Lopes criou clássicos que entraram para a galeria de pérolas do samba e da música popular. Entre seus parceiros destaco nomes como: Wilson Moreira, Zeca Pagodinho, Moacyr Luz, Paulo César Pinheiro, Reginaldo Bessa e Toninho Nascimento. Como escritor destacam-se os seminais *Partido-alto, samba de bamba; Vinte contos e uns trocados; Dicionário Banto do Brasil, Dicionário da antiguidade africana e o Dicionário Social do Samba*, em parceria com o historiador Luiz Antonio Simas.

[iv] Entre as obras escritas por Leonardo Bruno destaco: *Canto de rainhas, Zeca Pagodinho - Deixa o samba me levar, Beth Carvalho - De pé no chão e Três poetas do samba-enredo*. Escreveu ainda o roteiro do filme *Andança - As memórias e os encontros de Beth Carvalho* e para o teatro, escreveu o musical *Leci Brandão - Na palma da mão*.

[v] Para mais informações sobre a trajetória da agremiação consultar as seguintes obras: ANTAN, Leonardo. *Sal 60: uma revolução em vermelho, branco e negro*. Nova Iguaçu: Carnavalize, 2021; BRUNO, Leonardo. *Explode, Coração: histórias do Salgueiro*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2013; COSTA, Haroldo. *Salgueiro. Academia de samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984 e COSTA, Haroldo. *Salgueiro: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Record, 2003;

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

a terra é redonda

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

<https://amzn.to/3Bp9DEp>

A Terra é Redonda